

CRÍTICA TEXTUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Adriana Leite Moreira (UERJ)
adrianaliteral@gmail.com

Da Antiguidade aos tempos modernos a experiência editorial tem mostrado que o texto real e final passou por tantos idflios que se teve de constituir uma disciplina científica. Esta disciplina que se chama hoje crítica textual, e também ecdótica, embora muitos autores nem sempre aceitem os termos como sinônimos, atribuindo-lhes atividades diferentes que não cabe aqui enfrentar. Assim, compete à crítica textual a reconstituição de um original perdido, ou de um texto considerado fidedigno, com base na tradição manuscrita e impressão direta ou indireta da obra, conforme as demandas de uma metodologia científica.

Os primeiros passos da disciplina ainda incipiente foram dados pelos filólogos alexandrinos do século 2 a. C., que trabalhavam na monumental biblioteca de Alexandria, no Egito, para reunir e transmitir às gerações futuras o patrimônio cultural da Grécia antiga.

Depois, veio o trabalho dos humanistas e dos renascentistas, que tiveram de lidar com os abundantes manuscritos gregos e latinos, provenientes do Oriente. Por fim, a filologia do século 19 deu à disciplina as características que hoje conhecemos, acrescida pela contribuição dos estudiosos modernos que atuam até nossos dias.

A pouca ou quase nenhuma preocupação de editores tem permitido a circulação de textos da nossa literatura, dos seus inícios à atualidade, que, pela infidelidade e pela corrupção do original, prejudicam o trabalho da crítica literária, do historiador da literatura, do filólogo, do linguista, do historiador.

Portanto, quando alguém se dispõe a ler um texto está longe de imaginar quantos perigos ele representa ao processo que vai da fase de elaboração do autor, passando pelo editor, pelo preparador de texto, pelo revisor e compositor até chegar às mãos de quem vai lê-lo, na convicta esperança de que o que tem à disposição o reflexo da vontade do autor.

1. *Crítica textual, a ciência*

Compete à crítica textual a reconstituição de um original perdido, ou de um texto considerado fidedigno, com base na tradição manuscrita e impressão direta ou indireta da obra, conforme as demandas de uma metodologia científica.

Passamos, então, às tarefas precípua desta ciência quais sejam a fixação do conceito, do objeto, do método e das finalidades da ciência e das diferentes épocas da sua evolução; o estudo e a classificação dos textos e suas edições, bem como a investigação acerca de sua autenticidade, se suscitada dúvida; a pesquisa da origem dos textos, sem descartar qualquer componente; o estabelecimento dos princípios gerais orientadores da reprodução e da elaboração de textos; a aplicabilidade dos princípios e normas gerais a diferentes tipos de textos, considerando os contextos histórico-culturais; a fixação de normas gerais e específicas à conversão dos textos orais em textos escritos; a indicação dos pressupostos filológicos à fiel tradução dos textos; ordenar os planos de publicação das obras e a elaboração de normas editoriais; a preparação de edições fidedignas ou críticas, tendo estas todos os elementos constitutivos necessários.

Finalmente, chegamos à tarefa objeto do estudo em tela qual seja o exame da fidelidade das transcrições e autoria. Uma vez que esta é, a um só tempo, tarefa fundante e tema deste trabalho, passaremos a estudá-la mais detidamente nos capítulos a seguir.

2. *Crítica textual, o ensino e a fidedignidade autoral: destroços de textos*

A questão proposta para este capítulo é o que se tem visto comumente nas edições de livros didáticos. Ocorre que a linha editorial utilizada na transcrição de obras literárias ou simulacros destas tem reiteradamente comprometido vários princípios que jamais poderiam ser feridos. Os princípios de que se fala são a fidedignidade dos textos e da autoria, a compreensão do leitor e, sobretudo, a finalidade de educar.

Proposta a questão, passemos, então, ao entendimento da Doutora Marlene Gomes Mendes que em seu trabalho *A Fidedigni-*

dade dos Textos nos Livros Didáticos de Comunicação e Expressão no Brasil (1986) analisou diversos livros didáticos, verificando problemas vários.

Na análise feita sobre os exemplos fornecidos pela Professora, pudemos verificar que os problemas coletados variam em tipo e gravidade, a saber: alteração ou substituição que vão de fonemas a parágrafos, perpassando por ausência de referências bibliográficas adequadas e outras tantas violações.

Neste trabalho lançaremos mão de livros didáticos de diferentes séries, épocas de publicação e autores, a fim de confrontá-los com as obras fidedignas. Para tal consideramos obras literárias crônicas, letras de música e fábulas.

Para facilitar o entendimento, quanto às marcações nos textos utilizados, legendamos o seguinte:

- 1- o **negrito** sempre indicará parte suprimida do texto original;
- 2- o **negrito em itálico** indicará parte acrescida ao texto original;
- 3- o (entre parênteses) sempre indicará a troca dos vocábulos, sendo que o negrito pertence à obra didática;
- 4- o asterisco (*) indicará a criação de parágrafos inexistentes no texto original;
- 5- o sublinhado indicará equívoco de concordância.

2.1. TEXTO I

Texto original "Brinquedos Incendiado" de Cecília Meireles retirado do livro *Escolha o Seu Sonho*. 3ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Distribuidora Record, 1968, p.127-128

Para confronto, eis a transcrição utilizada por Joanita de Souza. In: _____. *Brincando com as palavras*. 4ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1983, p. 150.

*BRINQUEDOS INCENDIADOS**Cecília Meireles*

Uma noite houve um incêndio num bazar. E no fogo total desapareceram consumidos os seus brinquedos. Nós, crianças, conhecíamos aqueles brinquedos um por um, de tanto mirá-los nos mostruários – uns, pendentes de longos barbantes; outros, apenas entrevistados em suas caixas. Ah! Maravilhosas bonecas louras, de chapéus de seda! pianos cujos sons cheiravam a metal e verniz! carneirinhos lanudos, de guizo ao pescoço! Piões zunidores – e uns bondes com algumas letras escritas ao contrário, coisa que **muito** nos seduzia – **filhotes que éramos, então, de M. Jourdain, fazendo a nossa poesia concreta antes do tempo.**

Às vezes, num aniversário, ou pelo Natal, conseguíamos receber de presente algum bonequinho de celuloide, modestos cavalinhos de lata, bolas de gude, barquinhos sem possibilidades de navegação... – pois aquelas admiráveis bonecas de seda e filó, aqueles batalhões completos de soldados de chumbo, aquelas casas de madeira com portas e janelas, isso não chegávamos a imaginar sequer para onde iria. Amávamos os brinquedos sem esperança nem inveja, sabendo que jamais chegariam às nossas mãos, possuindo-os apenas em sonho, como se para isso, apenas, tivessem sido feitos.

Assim, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens e deixar cravados nelas, como setas, os nossos olhos.

Ora, uma noite, correu a notícia de que o bazar incendiaria. E foi uma espécie de festa fantástica. O fogo ia muito alto, o céu ficava todo rubro, voavam chispas e labaredas pelo bairro todo. As crianças queriam ver o incêndio de perto, não se contentavam com portas e janelas, fugiam para a rua, onde brilhavam bombeiros entre jorros d'água. A elas não interessavam nada peças de pano, cetins, cretones, cobertores, que os adultos lamentavam. Sofriam pelos cavalinhos e bonecas, os trens e os palhaços, fechados, sufocados em suas grandes caixas. Brinquedos que jamais teriam possuído, sonho apenas (da/de) infância (./!) **amor platônico.**

O incêndio, porém, levou tudo. O bazar ficou sendo um (fumoso/famoso) galpão de cinzas.

Felizmente, ninguém tinha morrido – diziam em redor. Como não tinha morrido ninguém? , - pensavam as crianças. Tinha morrido um mundo, e, dentro dele, os olhos **amorosos** das crianças, ali deixados. !

E começávamos a pressentir que viriam outros incêndios. Em outras idades. De outros brinquedos. Até que um dia também desaparecêssemos sem socorro, nós brinquedos que somos, talvez de anjos distantes!?” (grifo nosso)

Consequências provenientes das deturpações ocorridas no texto acima: a ausência da introdução na narrativa para alguns leigos pode não fazer tanta falta, mas fica claro que faltam informações, basta nos atentarmos para o trecho inicial: “Nós, crianças, conhecíamos aqueles brinquedos um por um...” que traz a evidente impressão de uma retomada de algo já citado. Para isso dispomos das famosas reticências entre colchetes, responsáveis por assinalar que o texto original não começa dali ou que partes, fragmentos, foram suprimidos. A falta desse recurso, tanto no início, meio e fim do texto transcrito, enfraquece, empobrece a obra do autor, conseqüentemente empobrece a interpretação dos alunos.

Outras deturpações encontradas nessa transcrição, de Joanita Souza, foram: a subtração do advérbio de intensidade “muito” debilita a ênfase que a autora queria dar quanto à intensidade da sensação de sedução sentida pelas crianças; o acréscimo do artigo definido “o” quando o autor optou em omiti-lo, assim como o fez em “pelos cavalinhos e (pelas) bonecas” mostrando que não foi por acaso a omissão; a supressão do trecho “amor platônico” priva os alunos do conhecimento do que quer dizer “amor platônico” após “..Brinquedos que jamais teriam possuído, sonhos apenas da infância,...” ; a troca do vocábulo “fumoso” que indica o estado em que se encontrava o galpão, tomado por fumaça e cinzas, por “famoso” qualificando “um galpão de cinzas”, chega a ser gritante; a supressão do adjetivo “amorosos” da mesma forma tira o sentimento de carinho o qual a autora quis dar aos “olhos” infantis. Por fim, a retirada do último parágrafo, novamente, priva o professor de trabalhar com seus alunos a reflexão da perda que, certamente, sofreremos no decorrer da nossa existência.

Não só nesta obra, acima, quanto em todas as outras, utilizadas neste livro didático, não há referência nem tampouco citação sobre a fonte. Outro equívoco encontra-se no índice dos textos quanto ao número da página referente ao texto em questão p. 150 para p. 151.

Há quem justifique a supressão de parágrafos completos pela falta de espaço na página do livro didático, entretanto, tal alegação soa a disparate posto que no livro didático em tela, metade da página é ocupada por uma gravura no mínimo risível, o que por si só não se presta a justificar o desrespeito à obra de tamanha qualidade e mes-

mo que assim não fosse, uma vez que se atribui a outrem a propriedade intelectual indevida, pois a omissão do fato de que se trata, de um fragmento, implica no entendimento de que é um texto completo. Fraude!

Não fosse suficiente o desserviço da (Sra. Joanita de Tal)³¹, acrescentamos ainda a obra didática *coleção Hoje é Dia de Portugues* dos autores Samira Campedelli e Jésus Barbosa de Souza, p. 91-93, com a mesma crônica, entretanto, com outras alterações:

BRINQUEDOS INCENDIADOS

Cecília Meireles

Uma noite houve um incêndio num bazar. E no fogo total desapareceram consumidos os seus brinquedos. Nós, crianças, conhecíamos aqueles brinquedos um por um, de tanto mirá-los nos mostruários – uns, pendentes de longos barbantes; outros, apenas entrevistados em suas caixas.

*Ah! Maravilhosas bonecas louras, de chapéus de seda! Pianos cujos sons cheiravam a metal e verniz! carneirinhos lanudos, de guizo ao pescoço! piões zunidores!– e uns bondes com algumas letras escritas ao contrário, coisa que muito nos seduzia – **filhotes que éramos, então, de M. Jourdain, fazendo a nossa poesia concreta antes do tempo.**

Às vezes, num aniversário, ou pelo Natal, conseguíamos receber de presente algum bonequinho de celuloide, modesto cavalinhos de lata, bolas de gude, barquinhos sem possibilidades de navegação... – pois aquelas admiráveis bonecas de seda e filó, aqueles batalhões completos (de/e) soldados de chumbo, aquelas casas de madeira com portas e janelas, isso não chegávamos a imaginar sequer para onde iriam.

*Amávamos os brinquedos sem esperança nem inveja, sabendo que jamais chegariam às nossas mãos, possuindo-os (apenas/ **ainda**) em sonho, como se para isso, apenas, tivessem sido feitos.

Assim, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos

³¹ Como nos mostra o Prof. Nelson de Luca Pretto no artigo "Joanita de Tal", publicado na revista *Veja*, São Paulo, editora Abril, edição nº 795, p. 68/9, 30 nov. 1983. em que o mesmo alega que esta senhora não existe, tratando-se, sim, de um grupo de editores da Editora do Brasil S/A os reais autores da obra didática *Brincando com as Palavras*.

só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens, e deixar (cravados /cravadas nelas, como setas, os nossos olhos.

Ora, uma noite, correu a notícia de que o bazar *se* incendiaria. E foi uma espécie de festa fantástica. O fogo ia muito alto, o céu ficava todo rubro, voavam chispas e labaredas pelo bairro todo. As crianças queriam ver o incêndio de perto, não se contentavam com portas e janelas, fugiam para a rua, onde brilhavam bombeiros entre jorros d'água. A elas não interessavam peças de pano, cetins, cretones, cobertores, que os adultos lamentavam. Sofriam pelos cavalinhos e bonecas, os trens e *os* palhaços, fechados, sufocados em suas grandes caixas. Brinquedos que jamais teriam possuído, sonho apenas da infância, **amor platônico**.

O incêndio, porém, levou tudo. O bazar ficou sendo **um fumoso galpão** de cinzas.

Felizmente, ninguém tinha morrido – diziam em redor. Como não tinha morrido ninguém? (, /-) pensavam as crianças. Tinha morrido um mundo, e, dentro dele, os olhos amorosos das crianças, ali deixados.

E começávamos a pressentir que viriam outros incêndios. Em outras idades. De outros brinquedos. Até que um dia também desaparecêssemos sem socorro, nós brinquedos que somos, talvez de anjos distantes!

MEIRELES, Cecília. *Janela Mágica*. São Paulo: Moderna, 1983. p. 13-20. Condomínio dos proprietários dos direitos intelectuais de Cecília Meireles (In: *Janela Mágica* – Editora Moderna.)” (grifo nosso)

Consequências provenientes das deturpações ocorridas no texto acima: não nos cabe repetir as deturpações detectadas na transcrição do livro de Joanita Souza, por isso nos deteremos nas “novas” e mais graves, verificadas no livro de Samira Campedelli e Jésus Barbosa de Souza: o desmembramento de dois parágrafos em quatro; a troca da preposição “de” que relaciona “...batalhões completos” com “soldados de chumbo...” pela conjunção “e” indicando adição; a troca da 3ª pessoa do singular pela 3ª pessoa do plural, descuido de concordância, já que o verbo “iria” concorda com “isso” e não com “...aquelas admiráveis bonecas de seda e filó, aqueles batalhões completos (de/e) soldados de chumbo, aquelas casas de madeira com portas e janelas,...”; o acréscimo do pronome reflexivo, permitindo interpretar que o galpão foi responsável pelo seu próprio incêndio; a subtração dos vocábulos “um fumoso”, qualidade do galpão após o incêndio, no mínimo trata-se de um descaso quando à produção do autor.

No que se refere à referência bibliográfica, da obra acima, ouve mais um equívoco quanto à citação da fonte.

2.2. TEXTO II

Tão frequente quanto à utilização das fábulas de Monteiro Lobato é a violação de sua obra e o comprometimento da qualidade do ensino da língua portuguesa no Brasil.

Ao falarmos da utilização da obra de Monteiro Lobato por editores no mínimo despreocupados, talvez estejamos falando do ultraje definitivo a uma obra literária, posto que ela é a expressão maior do conceito de educar. Quantas gerações foram educadas através da obra de Lobato? Talvez a mesma proporção da deseducação fornecida por estes comerciantes de livros.

Texto original *O reformador do mundo* de Monteiro Lobato retirado do livro:

MONTEIRO LOBATO, José B. *Fábulas e Histórias diversas*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, Vol. 15, p. 10-12.

Para confronto, a transcrição utilizada por SOUZA, Joanita de. *Brincando com as palavras*, 4ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1983. p. 61.

O REFORMADOR DO MUNDO

Monteiro Lobato

Américo Pisca-Pisca tinha o hábito de pôr defeito em todas as coisas. O mundo, para ele, estava errado e a (n/N)atureza só fazia asneiras.

– Asneiras, Américo?

– Pois então?!... Aqui mesmo, neste pomar, (você tem/ **tens**) a prova disso. Ali está uma jabuticabeira enorme (sustendo/ **sustentando**) frutas pequeninas, e, lá adiante, vejo uma colossal abóbora presa ao caule duma planta rasteira.

*Não era lógico que fosse justamente o contrário? Se as coisas tivessem de ser reorganizadas por mim, eu trocaria as bolas, passando as jabuticabas para a aboboreira e as abóboras para as jabuticabeiras. Não **achas que** tenho razão?

Assim discorrendo, Américo provou que tudo estava errado e **que** só ele era capaz de dispor, com inteligência o mundo.

– Mas o melhor, – concluiu, – é não pensar nisto e (tirar/**tomar**) uma soneca à sombra destas árvores, não achas?

E Pisca-(P/p)isca, (pisca piscando/**pisca-piscando**) que não acabava mais, estirou-se de papo (para cima/**acima**) à sombra da jabuticabeira.

Dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou com o mundo novo, reformado inteirinho pelas suas mãos. Uma beleza!

De repente, no melhor da festa (*plaf!* /**plaf!**) uma jabuticaba **que** cai **do galho** e lhe (acerta em cheio no nariz / **esborracha o nariz**).

Américo desaperta de um pulo; pisca(, /-)pisca; medita sobre o caso e reconhece, afinal, que o mundo não era tão (mal feito/ **malfeito**) assim.

E segue para casa refletindo:

– Que espiga!... Pois não é que se o mundo fosse arrumado por mim a primeira vítima teria sido eu? **Eu Américo Pisca-Pisca, morto pela abóbora por mim posta no lugar da jabuticaba? Hum! Deixemo-nos de reformas. Fique tudo como está, que está tudo muito bem.**

E Pisca-Pisca continuou a piscar pela vida em fora, mas sem a cisma de corrigir a natureza. (o grifo nosso)

Consequências provenientes das deturpações ocorridas no texto acima: na transcrição da fábula “o reformador do mundo” há trocas que felizmente não alteram o sentido do texto, mas isso não minimiza o ato de mutilação do mesmo, entre elas: a troca da letra “n” e “p” minúscula por maiúscula; mudança de pessoa gramatical, da 3ª para 2ª do singular, a pluralização em “para as jabuticabeiras”, mesmo com o referente anterior estando no singular “para a aboboreira”; acréscimo de hífen em “pisca-piscando”; acréscimo do “que” entre outros. Porém, há modificações que chegam a ser cômicas neste texto. É o que acontece com a troca do verbo “tirar” por “tomar” e onde Lobato escreveu: “uma jabuticaba cai do galho e lhe acerta em cheio no nariz”, lê-se “uma jabuticaba que cai e lhe esborracha o nariz”. “Como se fosse possível uma frutinha, por maior que seja, esborrachar o nariz de alguém!” (MENDES, p. 167) Para pior ficar, houve a supressão de um parágrafo e meio do final da obra.

Cabe registrar que as alterações promovidas no que atine à ortografia vigente à data da publicação – entre 1925 e 1968 – não surtiram efeito negativo na compreensão e aproveitamento da obra.

2.3. TEXTO III

Em privilégio da diversidade cultural, apresentamos uma belíssima letra musical produzida por dois expoentes deste ramo literário, entretanto, a bem do trabalho teremos que apresentar em seguida a mutilação sofrida pela obra, a começar pelo título do álbum, pois sequer ele foi poupado.

Texto original *Timoneiro* de Paulinho da Viola e Hermínio Bello. Carvalho foi retirado do CD *Bebadosamba*. 1996, Sony & BMG. Disponível em:

<http://www.paulinhodaviola.com.br/portugues/>

Para confronto, a transcrição utilizada por FARACO, Carlas Emílio & MOURA, Francisco Marto. *Linguagem Nova*. São Paulo: Ática, 1999.p.154.

TIMONEIRO

Paulinho da Viola

Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar

É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
E quanto mais remo mais rezo
Pra nunca mais se acabar
Essa viagem que faz
O mar em torno do mar
Meu velho um dia falou
Com seu jeito de avisar:
- Olha, o mar não tem cabelos
Que a gente possa agarrar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar

Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar

Timoneiro nunca fui
Que eu não sou de velejar
O leme da minha vida
Deus é quem faz governar
E quando alguém me pergunta
Como se faz pra nadar
Explico que eu não navego
Quem me navega é o mar

**Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar**

A rede do meu destino
Parece a de um pescador
Quando retorna vazia
Vem carregada de dor
Vivo num redemoinho
Deus bem sabe o que ele faz
A onda que me carrega
Ela mesma é quem me traz

VIOLA, PAULINHO *Bêbado samba*
BMG Brasil Ltda.” (grifo nosso)

Consequências provenientes das deturpações ocorridas no texto acima: iniciando a análise pela problemática das supressões, registra-se que ao subtrair na 1ª estrofe o refrão “Não sou eu quem me navega/ Quem me navega é o mar” subtrai-se, também, a força que o duplo registro dá ao texto, uma vez que se trata de letra de música; a terceira e a quinta estrofes também foram subtraídas sem o prévio aviso do símbolo [...], o que compromete a musicalidade proposta pelos poetas.

Não fosse suficiente as subtrações, o próprio título do CD foi alterado de “Bebadosamba” para “Bêbado samba”.

Cabe ainda ressaltar que foi omitido o nome de Hermínio Bel-lo de Carvalho no crédito autoral.

3. A Fidedignidade autoral

Por intermédio da Doutora Marlene Gomes Mendes que em seu trabalho *A Fidedignidade dos Textos nos Livros Didáticos de Comunicação e Expressão no Brasil* (1986), tomamos conhecimento do artigo do Prof. Nelson de Luca Pretto no artigo Joanita de Tal, publicado na Revista VEJA, São Paulo, editora Abril, edição nº 795, p. 68/9, 30 nov. 1983 (Anexo: H) em o mesmo alega que a suposta autora Joanita de Souza não existe, tratando-se, sim, de um grupo de editores da Editora do Brasil S/A os reais autores da obra didática *Brincando com as Palavras*, embora o responsável pela editora sustente que a mesma é uma pessoa física. Em detrimento da obviedade da denúncia oferecida, nos esforçaremos para refletir acerca do óbvio, que é a inércia dos órgãos reguladores que desde a data da publicação da denúncia até o ano de 2009 não envidaram esforços em buscar a verdade dos fatos, sendo as obras normalmente comercializadas. Além da questão legal abordada, grave por si só, há ainda o prejuízo da falta de fidedignidade verificado e analisado no capítulo anterior, prejuízo esse espraiado pelos anos de formação escolar quais sejam do 1º ao 5º ano.

Ora, o que dizer de fidedignidade se há autores que podem ser uma ficção?

4. Escolha de Edição

Ultrapassada a tecnicidade e as reflexões acerca dos exemplos oferecidos no capítulo 3, não seria de espantar que mesmo o leitor dotado de visão crítica e mesmo o leitor desavisado passassem a temer pelo conteúdo da obra escolhida.

Considerando a impossibilidade de inúmeras consultas a fim de ler uma única obra, seria razoável a indicação da leitura prévia de resenhas, o que também seria um problema já que são poucas as disponíveis no mercado editorial.

Problematizado o ponto, indica-se que, no mínimo, o leitor atente para a identificação das fontes, observando informações como: a edição utilizada como modelo, a última publicada em vida do autor, a última revisada pelo autor etc.

Também reputamos a importância da tradição dos responsáveis pela edição, devendo o leitor fugir dos aventureiros editoriais, dando preferência àqueles de notório saber acadêmico.

Engrossamos a corrente defendida pelo Professor César Nardelli Cambraia, segundo a qual necessita-se de:

uma espécie de observatório permanente da produção editorial em língua portuguesa: essa instância, que concretamente se encaixaria com perfeição em algum núcleo de estudos universitário, monitoraria a produção editorial de um número limitado (mas expansível com o tempo) de títulos de autores de língua portuguesa, a fim de que, sempre que um professor quisesse utilizar uma obra em aula, pudesse com rapidez – pela *internet*, p. ex. – obter a informação de qual (is) edição(ões), considerada(s) fidedigna(s), poderia fazer uso. (p. 196-197)

O que poderia ser utilizado como recurso didático, até considerando a fragilidade das publicações é o confronto, em sala de aula, de um texto fidedigno com outras publicações que contemplassem o texto em estudo, a fim de promover um exercício de comparação e de consequente reflexão por parte dos alunos, ainda na linha de pensamento do Professor Nardelli.

Isto seria o ideal, mas que está longe de coadunar com a realidade educacional brasileira. Vale o registro.

Em que pesem as análises técnicas que este modesto trabalho comportou e as outras tantas, eventualmente mais avalizadas, que têm sido sistematicamente oferecidas aos meios acadêmicos, resta claro que entre o ideal e o praticado ainda reside um abismo.

Temos duas questões de ponta a avaliar nesta conclusão, ambas gravíssimas e objeto de rápida resposta, quais sejam o desprezo à produção intelectual nacional e os efeitos danosos das transcrições de baixa qualidade existentes nos livros didáticos de língua portuguesa. Ambas têm culpados, bem como ambas tem um público destinatário que é penalizado com tais impropriedades.

No caso da propriedade intelectual, os autores das obras originais/sucessores são a um só tempo coautores do ato e vítimas do mesmo, pois se o interesse na qualidade das transcrições superasse o interesse pecuniário, sendo esta segunda qualidade de interesse a única justificativa plausível para tamanha despreocupação.

Entretanto, quando adentramos a seara dos efeitos danosos das publicações adulteradas nos anos de formação fundante das gerações de estudantes e leitores.

Esta sim é a destinatária de todos os erros, de todas as inadequações intencionais ou não. Por certo estas gerações desavisadas à altura da leitura repetirão aquilo que lhes for ensinado, reproduzindo assim toda sorte de descalabros, cristalizando o equívoco que ninguém viu; nem órgão responsáveis pela regulação e tampouco os autores, desconsiderando as editoras, pois elas são o princípio e fim de todos os pecados dos quais se falou neste trabalho.

“E quem quiser que conte outra.”

REFERÊNCIAS

CAMPEDELLI, Samira; SOUZA, Jésus Barbosa de. *Hoje é dia de portugueses*. [São Paulo]: Positivo, 2009.

FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto. *Linguagem Nova*. São Paulo: Ática, 1999.

MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. 3. ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Distribuidora Record, 1968, p.127-128

_____. *Janela mágica*. São Paulo: Moderna, 1983.

MENDES, Marlene Carmelinda Gomes. A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil. **In:** I Encontro de Crítica Textual, 1986, São Paulo. *I Encontro de Crítica Textual: o manuscrito moderno e as edições*. São Paulo: EDUSP, 1986, 163-174.

MONTEIRO LOBATO, José B. *Fábulas e histórias diversas*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969. Vol. 15, p. 10-12.

PRETTO, Nelson de Luca. Joanita de Tal. *Veja*, São Paulo: Abril, ed. n° 795, p. 68/9, 30 nov. 1983.

SOUZA, Joanita de. *Brincando com as palavras*. 4ª Série – Língua Portuguesa. São Paulo: Editora do Brasil, 1983.

VIOLA, Paulinho da; CARVALHO, Hermínio Bello de. *Timoneiro*.
In: CD *Bebadosamba*. [São Paulo?]: Sony & BMG, 1996. Disponível em:
<http://www.paulinhodaviola.com.br/portugues/discografia/letra.asp?nome=Timoneiro>